IV Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos

Recife, 18 e 19 de novembro de 2021

RELIGIÃO E POLÍTICA: UM RELACIONAMENTO CONTROVERSO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Edson Marinho de Oliveira*

Resumo

O Brasil tem se confrontado com diversas dificuldades com a pandemia da Covid-19. Nesse contexto, surgiram grandes controvérsias a respeito da crise investida na saúde pública e das orientações sanitárias, como as restrições de isolamento social fixadas pelos governos dos estados brasileiros a fim de impedir o avanço do vírus da Covid-19. Destarte, observou-se que discursos negacionistas a respeito da crise promovida pelo Coronavírus foram promovidos por vários setores da sociedade, inclusive por representantes do Estado e por líderes religiosos, que minimizaram a crise em detrimento de seus objetivos pessoais. Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a apresentar reflexões sobre os discursos dos líderes das igrejas evangélicas que explicitaram suas opiniões negacionistas a respeito do vírus da Covid-19. A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica e qualitativa. Como resultado, esperamos contribuir para a ampliação dos debates acerca da relação entre religião e política em tempos de pandemia. A conclusão que se evidencia é que a religião pode conviver com a política em plena harmonia sem ameaça à democracia ou à laicidade do Estado, desde que tenha como princípios a tolerância e o pluralismo, reprimindo, assim o fundamentalismo religioso.

Palavras-Chave: Religião. Política. Pandemia. Covid-19.

1 INTRODUÇÃO

"Religião e política não se discute". Frase que se ouvia de pessoas desinteressadas em dialogar sobre o assunto. Talvez por pura ignorância sobre o tema, talvez por falta de argumentos para justificar suas escolhas, ou ainda, simplesmente por opinião fundamentalista e não aceitar

* Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP (2021-). Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade de Pernambuco – UPE (2021). Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada – FATIN (2014).

divergência de opiniões. Seja qual for o motivo, esse provérbio popular está baseado em uma compreensão falha do termo "tolerância".

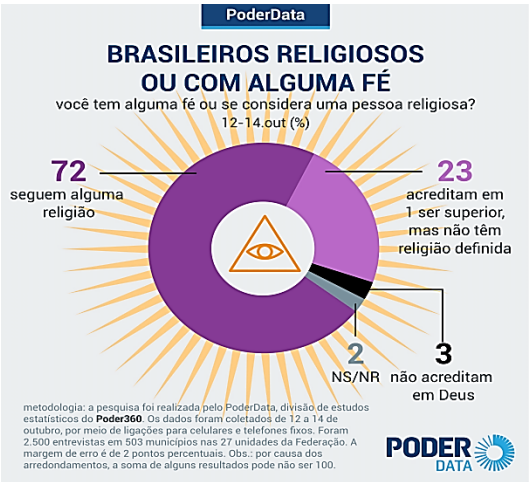
Tem-se por certo que o fanatismo religioso e o radicalismo político promovem desentendimentos e condutas violentas, porém o diálogo cordial e reflexivo com respeito e tolerância promove a expansão do conhecimento a e aumenta o horizonte das possibilidades na busca de uma sociedade mais fraterna e justa. Daí a importância e necessidade de se tecer constante diálogo e relacionamento tolerante entre a religião e a política no Brasil a fim de encontrar caminhos possíveis que confluam para a promoção da paz e da justiça social.

Concordando com este pensamento, José Alves de Freitas Neto (2017) afirma:

> A fé, mais do que fenômeno individual, é manifestada coletivamente e, portanto, está na vida pública. A separação entre Igreja e Estado, formalmente estabelecida, fez-se na esteira das liberdades religiosas e na defesa da liberdade de culto. Nas democracias representativas o princípio de reconhecimento de todas as crenças e religiões assegurou um campo de atuação nos quais as religiões podem ingerir em questões civis ou políticas. O Estado, exceto naqueles em que não há liberdade religiosa, é pouco laico e vive sob as frequentes ameaças de forças político-religiosas (FREITAS NETO, 2017).

O autor supracitado afirma que mesmo não professando nenhuma religião, toda pessoa vive num campo social e cultural que é caracterizado por fundamentos sistematizados pelas religiões e, ao mesmo tempo, pelo debate público pautado pelo campo político (Ibdem). Nessa perspectiva, é importante salientar que o Brasil é um país de maioria religiosa. De acordo com a pesquisa do Poder360[1], realizada ente os dias 12 e 14 de Outubro de 2021, 72% dos brasileiros entrevistados seguem alguma religião, conforme demonstrado na figura abaixo:

[1] Jornal digital Poder360. Extraído de: <poder360.com.br/poderdata/45-dos-que-professam-alguma-fe-estao-acompanhando-cultos-pela-tv-ou-internet/>. Acesso em 17 de nov. 2021.



Fonte: Jornal digital Poder360.

Sendo de maioria religiosa, os brasileiros naturalmente manifestam sua fé coletivamente e, como consequência, essa expressão de fé é percebida na vida pública, tendo forte influência sobre a mesma. Essa influência se intensificou na política principalmente após aliança do governo Jair Bolsonaro com lideranças evangélicas no país. Sobre isso, Magali Cunha (2020) comenta: "Um ponto destacado é o que alguns chamam de "ameaça" evangélica, outros de "bênção de Deus sobre os evangélicos", e diz respeito à intensificação da presença de cristãos na política" (CUNHA, 2020).

Sobre a presença das religiões evangélicas na esfera pública, Valmir Nascimento (2018) afirma que:

> O crescimento do movimento evangélico brasileiro, aliado às novas tendências doutrinárias e comportamentos decorrentes da hegemonia pentecostal/neopentecostal, contribuíram para que tais religiões passassem a marcar presença decisiva na esfera pública, como atores relevantes na agenda sociopolítica do país. A religião evangélica até então caracterizada pelo "afastamento do mundo" ou ascetismo intramundano, começa a se abrir para a sociedade, moldando-se ao espírito do tempo (NACIMENTO, 2018, p.50).

O autor supracitado lembra que o sucesso da influência evangélica na política está relacionada a rápida formação de lideranças e uma intensa socialização dos fiéis, que, diante da debilidade da consciência cívica da sociedade

brasileira e do desinteresse pela coisa pública, encontrou espaço para se instalar (IBDEM, p. 51).

Dito isso, segue-se ao cerne da reflexão em pauta: O Brasil vivenciou dedes o primeiro trimestre de 2020 uma pandemia com o vírus da Covid-19, que se espalhou por todos os estados da federação provocando uma crise no sistema de saúde e a morte de milhares de pessoas. Em meio a esse contexto, surgiram diversos discursos contraditórios que divergiam em grau, número e gênero.

2 LÍDERES EVANGÉLICOS E O NEGACIONISMO

A Academia Brasileira de Letras (ABL) define o termo "negacionismo" como sendo "Atitude tendenciosa que consiste na recusa a aceitar a existência, a validade ou a verdade de algo, como eventos históricos ou fatos científicos, apesar das evidências ou argumentos que o comprovam".[2] Destarte, o país presenciou vários líderes evangélicos se utilizando dos meios de comunicação para negar a crise provocada pela pandemia do coronavírus.

De acordo com Luciana Rathsam (2021), da UNICAMP,

> questões sobre o Covid-19 têm sido alvo de dúvidas e debates entre especialistas, o que é natural no processo de construção do conhecimento científico. O negacionismo, por sua vez, nega evidências e simula controvérsias onde na verdade há consenso. "É preciso distinguir entre o pensamento crítico no campo das ciências e a formulação negacionista no plano da opinião pública", adverte Marcos Napolitano, professor de História do Brasil Independente e docente-orientador no Programa de História Social da Universidade de São Paulo (RATHSAM, 2021).

Nesse sentido negacionista e com o apoio do chefe maior da nação brasileira, que também minimizava a profundidade da crise, os líderes

[2] Extraído de: < https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/negacionismo>. Acesso em 17 de nov.2021.

religiosos, como Silas Malafaia, Edir Macedo, RR Soares e outros criticavam as decisões do poder público a respeito das restrições e fechamento dos templos e se utilizaram até do discurso da negação do vírus afirmando que a fé protege os fiéis de qualquer enfermidade. Utilizavam-se de clichês como: "histeria", "tática de satanás", "pandemia maligna", "sinal de Deus" para caracterizar a pandemia e minimizar a gravidade do contágio da Covid-19 entre os fiéis.

Um dos discursos veiculados sobre a crise foi a de Silas Malafaia, pastor da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo: "Caos social mata mais do que coronavírus. Nós não podemos brincar. O presidente está correto. É a escolha de Sofia: o que é que causa menos dano? E o que causa menos dano é abrir tudo. Que Deus tenha misericórdia do Brasil"[3]. Observa-se que o discurso do referido Pastor apoiava o discurso do presidente Bolsonaro ao afirmar que iria morrer muito mais gente de fome no país do que por Covid-19.

Vale salientar que o nome "Assembleia de Deus" não foi patenteado por nenhuma instituição, sendo utilizado por várias Igrejas sem, no entanto, ter ligação ministerial ou filiação entre elas ou seus líderes, como explica Gonçalves (2021):

> Como demonstra o Censo 2010 do IBGE, a Assembleia de Deus possui mais de 12 milhões de seguidores. A Igreja também apresenta um perfil bastante descentralizado, compreendendo diferentes vertentes que não se relacionam harmonicamente, principalmente através do papel desempenhado pelas suas lideranças GONÇALVES, 2021).

Outro discurso observado foi o do Bispo Edir Macedo, que é líder e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus: "Meu amigo e minha amiga, não se preocupe com o coronavírus. Porque essa é a tática, ou mais uma

[3] Pr. Silas Malafaia – Concordo com Bolsonaro! O que é pior: coronavírus ou caos social? Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0LVWROEqGRs>. Acesso em: 17/11/2021.

tática, de Satanás”[4]. Conforme Guerreiro e Almeida (2021), Edir Macedo foi internado no hospital Moriah três meses depois do referido discurso para se tratar da Covid-19.

O Missionário RR Soares foi mais além quando anunciou ter a “cura” para a Covid-19 através da “água consagrada” e de suas orações[5]. Inclui-se nos discursos em pauta o do Apostolo Valdemiro, que anunciou ter a cura para a pandemia através do “feijão consagrado” por suas orações, conforme Guerreiro e Almeida (2021).

Oe autores supracitados, analisam que “Bolsonaro e seus pares religiosos estariam alinhados com uma razão neoliberal que defende a manutenção da economia às custas da vida humana” (IBDEM).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que Religião e política devem ser discutidos sim. Mas no sentido de promover um diálogo cordial e reflexivo com respeito e tolerância a fim de encontrar caminhos possíveis que confluam para a promoção da paz e da justiça social.

Percebe-se que a religião pode conviver com a política em plena harmonia sem ameaça à democracia ou à laicidade do Estado, desde que tenha como princípios a tolerância e o pluralismo, reprimindo, assim o fundamentalismo religioso. Um Estado laico não significa a ausência de religião e sim a neutralidade do Estado sobre tarefas de cunho religioso e imparcialidade em relação a todas as manifestações religiosas e não religiosas.

Entende-se que as manifestações religiosas tem sua importância na sociedade, mas sua influência na política brasileira não deve ser da maneira

[4] Palavra Amiga do Bispo Macedo – 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32TIDTXrGp0&feature=emb_title>. Acesso em: 17/11/2021.

[5] 6Pastor R.R. Soares afirma que “água consagrada” por ele cura Covid-19. Dispo-nível em: <https://istoe.com.br/pastor-r-r-soares-afirma-que-agua-consagra-da-por-ele-cura-covid-19/>. Acesso em: 11/07/2020.

que percebemos, principalmente no atual governo do Presidente Bolsonaro. Alguns líderes religiosos têm se aproveitado da liberdade e da proximidade com o líder maior da nação brasileira para tentar impor e expor suas posições religiosas na política tentando minimizar a imparcialidade do Estado em assuntos de cunho religiosos. Neste sentido, fomentam a intolerância e o fundamentalismo religioso com o objetivo de conquistar espaço para implementar ações no campo político a fim de alçar seus interesses pessoais.

Este estudo se mostra pertinente e de grande importância para contribuir com as discussões sobre a temática em pauta, sobretudo na área da ciência da religião. Não se tem a pretensão de esgotar o assunto, mas o intuito é problematizar as questões do relacionamento entre a religião e a política em tempos de pandemia.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Magali, **Religião e política, mais do que nunca, se discutem**. Rev. Digital Carta Capital, Set.2020. Extraído de: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/magali-cunha-religiao-e-politica-mais-do-que-nunca-se-discutem/>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

FREITAS NETO, J. A. de. **Coisas que se misturam: religião e política**. Jornal da Unicamp, Dez 2017. Extraído de: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/jose-alves-de-freitas-neto/coisas-que-se-misturam-religiao-e-politica>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

GONÇALVES, R. B. **Discurso laico y discurso religioso em tiempos de coronavirus: la pandemia según los periódicos mensageiro da paz, jornal show da fé y folha universal**. Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Campinas, SP, v. 23, n. 00, p. e021001, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/view/13742/10165>. Acesso em: 17 nov. 2021.

GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. **Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19**. Religião

& Sociedade [online]. 2021, v.41, n.02, pp.49-74. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap02>. Acesso em: 17 de nov. 2021.

NASCIMENTO, Valmir. **Entre a fé e a política: participação dos evangélicos no processo político-eleitoral-reflexões sobre legitimidade, abuso de poder e ética cristã na esfera pública.** Rio de Janeiro. CPAD, 2018.

RATHSAM, L. **Negacionismo na pandemia: a virulência da ignorância.** Jornal da Unicamp, 14, ABR - 2021. Extraído de: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/14/negacionismo-na-pandemia-virulencia-da-ignorancia>. Acesso em: 17 de nov. 2021.